

C E N T R O
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

O ENVOLVIMENTO DO PAI: FORMAS, FATORES E CONSEQUÊNCIAS

José Albino Lima*

- 1. Enquadramento
- 2. Formas de envolvimento paterno
- 3. Fatores de influência sobre o envolvimento paterno
- 4. Consequências do envolvimento paterno
- 5. Nota final
- Bibliografia
- Vídeo

1. Enquadramento

Este trabalho procura manter a estrutura e os conteúdos que serviram de base à apresentação dedicada ao tema do Envolvimento do pai abordando as formas, fatores e consequências desse envolvimento paterno.

Para melhor compreender o envolvimento paterno na sua diversidade, abrangência e impacto é bastante profícuo recorrer à perspetiva bio ecológica e transacional do desenvolvimento humano (cf. Bronfenbrenner, 2005; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Sameroff & Fiese, 1990, 2000) que considera a influência dinâmica entre quatro componentes (PPCT):

- O Processo (mecanismo primário do desenvolvimento e inclui formas específicas e duradouras de interação entre a pessoa em desenvolvimento e o meio ambiente imediato – processos proximais).
- As características da Pessoa (caraterísticas temperamentais, recursos biológicos...).
- Contextos ambientais (caraterísticas imediatas e remotas destes contextos).
- O Tempo em que os processos proximais têm lugar.

Com efeito, perspetivar o envolvimento paterno enquanto constructo remete-nos, desde logo, para alguns conceitos-chave da própria Psicologia do Desenvolvimento:

- (1) O desenvolvimento humano decorre ao longo do ciclo vital, através de processos de interação dinâmicos e recíprocos, cada vez mais complexos e em determinado contexto ecológico;
- (2) As relações humanas e os efeitos das relações nas relações são a base do desenvolvimento.

* Docente Universitário, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.



A família surge assim como cenário nuclear de processos proximais (considerados como o “motor” do desenvolvimento humano) no qual a mãe, o pai e os/as filhos/as interagem de forma dinâmica e recíproca, influenciando-se mutuamente nas suas trajetórias desenvolvimentais.

Se bem que, ao longo do tempo, as investigações no âmbito das ciências sociais tenham privilegiado os estudos sobre a maternidade em comparação com a paternidade (cf. Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000), contemporaneamente, tem vindo a reconhecer-se que o pai pode desempenhar um papel muito significativo no processo desenvolvimental da criança, do próprio pai e da família como um todo (cf. Lima, 2009).

Como diria em tom coloquial Bronfenbrenner (1995, p.118) “ O desenvolvimento pode ser comparado a um jogo de ping-pong disputado entre dois jogadores, um mais velho do que o outro, entre os quais existe uma adoração mútua e no qual os dois têm a aprender um com o outro” mas esse jogo “depende de um certo grau de disponibilidade e de envolvimento por parte de um outro adulto, uma terceira parte, que dá assistência, que encoraja, que toma o lugar do primeiro, que dá importância, que exprime a sua admiração e que se envolve na atividade da criança. E quem é essa pessoa neste caso? Quem é essa pessoa? É o pai, pois ele pode jogar tão bem com apenas metade das oportunidades, ele joga de outra forma, que não deixa de ser tão eficaz.”

Esta maior atenção sobre a paternidade relaciona-se também com um conjunto de transformações socioeconómicas e demográficas que têm ocorrido nas últimas décadas. Entre estas podemos destacar:

- (1) A profissionalização do trabalho feminino;
- (2) A divisão das tarefas domésticas e o cuidar dos filhos;
- (3) A crise económica e social e as suas consequências, nomeadamente nas situações de desemprego;
- (4) O aumento exponencial no número de separações e divórcios;
- (5) As expectativas da sociedade face ao papel paterno e à parentalidade;
- (6) O “adiar” do nascimento do/a primeiro/a filho/a;
- (7) A adequação (ou não) das políticas de apoio à família;
- (8) A importância atribuída ao bem-estar e ao desenvolvimento da criança.

Um exemplo que reflete o reconhecimento da importância do envolvimento paterno logo desde o nascimento pode ser encontrado na questão do direito à designada “Licença Parental”. No caso paradigmático da Suécia (cf. Haas & Hwang, 2005), as medidas



governamentais podem-se resumir no slogan – “*Half each!*”! Pai e mãe têm a mesma responsabilidade pelo uso da licença parental e a mensagem que se pretende transmitir é a de partilha equitativa e de comprometimento a longo termo com a família. Há mais de 20 anos, os pais suecos têm 2 meses de licença parental não transferíveis e ainda mais 10 meses para partilhar. Em Portugal, desde 1999 (cf. “Lei n.º 142/99 de 31 de agosto,”) o pai tinha direito a uma licença de 5 dias úteis no primeiro mês a seguir ao nascimento do filho e, por decisão conjunta dos pais, podia ainda usufruir de parte dos 120 dias de licença concedidos por maternidade. Em 2009 (cf. DL n.º 91/2009 de 9 de abril), “Procede-se ao aumento do período de licença parental para seis meses subsidiados a 83% ou cinco meses a 100% na situação de partilha da licença entre mãe e pai.” O pai passou a ter direito a 10 dias úteis de gozo obrigatório e mais 10 dias úteis de gozo facultativo. Em 2016, o pai passou a ter direito a 15 dias úteis de gozo obrigatório (...)

2. Formas de envolvimento paterno

Ao analisarmos as formas de envolvimento paterno e a sua expressão comportamental mais “concreta” temos de considerar diferentes dimensões da paternidade ou do que é “ser Pai”. Na realidade, os pais podem envolver-se com os filhos de diferentes formas e tal pressupõe a assunção de diversas responsabilidades em diferentes momentos socio históricos. Com efeito, embora se faça muitas vezes uma leitura “estruturalista” do papel paterno, a vivência da paternidade sempre foi multifacetada e varia de acordo com diferentes períodos históricos, regiões, etnias e culturas, com características económicas, políticas, legais e culturais diversas (cf. Pleck & Pleck, 1997). As próprias crianças, em diversas culturas, diferenciam claramente o papel de mãe e de pai (Lamb, 2005).

Em suma, a paternidade encerra, em si mesma, dimensões:

- (1) Biológicas;
- (2) Sociais;
- (3) Legais; e
- (4) Simbólicas.

Deste modo, a abrangência com que devemos perspetivar o envolvimento paterno é plural e multidimensional, confirmando que existe uma grande variabilidade nos níveis e características do envolvimento paterno (Pleck & Masciadrelli, 2004; Roopnarine, 2004).

Procurando fazer uma contextualização socio histórica das formas de envolvimento paterno, seguimos a proposta de Marsiglio, Day, e Lamb (2000) que sugere quatro dimensões principais do envolvimento do pai:

- (1) A orientação ética e moral;



- (2) O sustento económico da família;
- (3) O apoio emocional, prático e psicossocial à companheira;
- (4) A educação e cuidado.

A orientação ética e moral por parte do pai aparece relacionada com uma forma de envolvimento (sobretudo) presente em famílias consideradas tradicionais e conservadoras. No entendimento comum, o pai era antes de mais o responsável pela interiorização de um conjunto de valores moralmente apropriados (cf. Lamb & Tamis-LeMonda, 2004). Manifestamente, a base da família era o pai. A disciplina e a autoridade eram muito valorizadas, pelo que o patriarca devia estar vigilante para que os filhos se comportassem em conformidade com as normas vigentes.

A dimensão relativa ao suporte económico ou sustento da família é considerada por muitos como um dos aspetos centrais da paternidade ou do envolvimento paterno, mesmo nos dias de hoje. De resto, historicamente, o papel do pai está intrinsecamente ligado ao seu contributo económico para com a família e à satisfação das suas necessidades básicas (cf. Lamb, 1998, 2000, 2005; Zuo, 2004). Neste pressuposto, o papel do pai seria largamente de natureza instrumental – sustento económico, disciplina e proteção – e o da mãe de natureza expressiva – cuidados, acompanhamento, partilha de atividades (cf. Amato, 1998; Finley & Schwartz, 2006).

O terceiro aspeto salientado pelos autores e que se refere ao envolvimento paterno enquanto apoio emocional, prático e psicossocial à companheira é bastante relevante e significativo contemporaneamente. Trata-se de uma influência indireta que se faz sentir, sobretudo, no apoio prestado à mãe, quer instrumental, quer emocional, com reflexos no seu bem-estar psicológico, atitudes de socialização e comportamento parental (Brunelli, Wasserman, Rauh, Alvarado, & Caraballo, 1995). Nesta dimensão de envolvimento, os pais não partilham com equidade as responsabilidades parentais, o que remete o pai para um papel secundário, continuando a mãe a ter a primazia e a ser a principal responsável no seio familiar (Pleck & Pleck, 1997). Vários autores situam socio historicamente a preponderância desta dimensão de envolvimento paterno na segunda metade do século XX, embora a partir dos anos 70 se comece a enfatizar que os pais podiam e deviam ser educadores ativamente envolvidos com os filhos (e.g. Lamb, 2000; Pleck & Pleck, 1997).

Finalmente, a dimensão relativa ao envolvimento do pai e o cuidar dos/as filhos/as é como dizia Lamb (1992, p. 21) “esta redefinição do aspeto mais notável e louvável da paternidade” pressupõe uma interação direta entre o pai e a criança (Lamb, 1998) e centra-se na competência do pai enquanto educador ativo e envolvido no processo desenvolvimental dos filhos. Em resumo, no início deste século XXI um bom pai, nos termos de Morman e Floyd (2006), deve ser carinhoso, afetuoso, participante, envolvido, responsivo e consistente ao longo do processo desenvolvimental do/a seu/sua filho/a.



Ora, as diferentes formas de envolvimento paterno na socialização dos/as filhos/as devem ser entendidas, não de forma estanque ou mutuamente exclusiva (Lamb, 1997; NICHD Early Child Care Research Network, 2000), mas antes à luz daquilo a que Palkovitz (1997) denominou de contínuo de envolvimento. Neste sentido o autor considera, por exemplo, que o tempo despendido pelo pai nas diferentes formas de envolvimento com os filhos, pode não traduzir a intensidade desse mesmo envolvimento. Desta forma um pai pode passar pouco tempo com os filhos e estar muito envolvido na tomada de decisões acerca do dia-a-dia da criança. Ou de outro modo, pode procurar passar um tempo de qualidade com os filhos, mesmo numa conjuntura em que o tempo é sempre escasso (cf. Milkie, Mattingly, Nomaguchi, Bianchi, & Robinson, 2004).

Além do mais, algumas formas de envolvimento não são diretamente observáveis mas refletem o assumir da responsabilidade pelo bem-estar dos filhos. O mesmo se passa nas situações em que indiretamente os pais contribuem para o bem-estar e desenvolvimento dos filhos, como o apoio e o suporte à companheira (Marsiglio & Cohan, 2000). Outros autores chamam a atenção para a importância do envolvimento do pai pela sua singularidade na forma como interagem com os/as filhos/as (Tamis-LeMonda, 2004).

Um dos modelos conceituais mais relevantes e que procura sistematizar e compreender os dados das investigações disponíveis sobre as formas de envolvimento do pai é o modelo tripartido de envolvimento paterno: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade (cf. Lamb et al., 1987; Lima, 2009).

A Interação diz respeito à interação direta pai-criança em atividades como, por exemplo, o jogo e a alimentação.

Na Acessibilidade o pai pode, ou não, envolver-se diretamente na interação, mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança.

Na Responsabilidade o pai assume a responsabilidade pelo bem-estar e segurança da criança (por exemplo, saber quando necessita de ir ao pediatra).

Este modelo tem vindo a influenciar a investigação neste domínio (Lamb, 2005; McBride & Rane, 1998; Parke, 2000) abarcando as formas de envolvimento consideradas fundamentais da vivência da paternidade (Pleck, 1997).



3. Fatores de influência sobre o envolvimento paterno

Neste tópico, para além de um conjunto de determinantes associados à própria criança (por exemplo, sexo, idade, temperamento, etc.) devemos considerar os fatores associados ao próprio pai e à sua motivação para se envolver.

- (1) História de desenvolvimento do pai. Com efeito, o pai tende a seguir o modelo de parentalidade do seu próprio pai mais do que o da sua mãe (Losh-Hasselbart, 1987) e muitas vezes perspetiva o seu futuro enquanto pai em função das experiências positivas ou negativas de envolvimento com o seu progenitor (Marsiglio, Hutchinson et al., 2000). A este propósito, os estudos apresentam genericamente duas hipóteses: a modelagem (quer o envolvimento seja elevado ou baixo) e a compensação (nas situações de baixo envolvimento).
- (2) Características de personalidade e bem-estar psicológico do pai. As características de personalidade influenciam a vivência da paternidade (Belsky, 1996; Belsky & Vondra, 1989; Levy-Schiff & Israelaschivili, 1988), sendo a estabilidade emocional e o bem-estar psicológico um elemento-chave para a qualidade do envolvimento com os filhos. Aliás, o envolvimento do pai é um processo que influencia o desenvolvimento da personalidade do próprio pai, conducente a uma maior maturidade, pessoal e social (Borisenko, 2007). De facto, quando os pais evidenciam bem-estar psicológico estão mais disponíveis para apoiar e se envolverem com os filhos, nomeadamente na forma como estruturam a vida da criança, a apoiam emocionalmente, participam nas suas atividades quotidianas, e providenciam materiais e experiências conducentes a um desenvolvimento saudável (Demo & Cox, 2000; Yeung, Linver, & Brooks-Gunn, 2002).
- (3) Crenças e atitudes do pai. Os investigadores, para além de estudarem o comportamento parental, têm procurado atender à forma como os pais percebem, organizam e compreendem a criança e o seu papel enquanto pais (NICHD Early Child Care Research Network, 2004). De facto, as crenças e atitudes, perante o envolvimento paterno devem ser entendidas como indicadores importantes do comportamento dos pais (Holden, 1995; McGillicuddy-DeLisi & Sigel, 1995) e aparecem associadas ao seu envolvimento com os filhos (Adamsons, O'Brien, & Pasley, 2007). Elas dizem respeito, por exemplo, às ideias dos pais acerca da competência paterna (Beitel & Parke, 1998), partilha das tarefas domésticas (Aldous et al., 1998), valor e função do envolvimento paterno (Beitel & Parke, 1998), estilos educativos (NICHD Early Child Care Research Network, 2000) e estereótipos de género (Bulanda, 2004).
- (4) Identidade paterna é um constructo que pode ser perspetivado como uma integração da história desenvolvimental, características de personalidade e crenças relacionadas com a paternidade (Pleck, 1997). Marsiglio (1995, cit. in McBride & Rane, 1997) sugere que a identidade paterna pode ser mais ou menos relevante do que outras identidades para os homens (e.g. marido, trabalhador, amigo), e isto pode ter um impacto diferencial no seu comportamento, refletindo o investimento do pai em cada um destes papéis (Rane & McBride, 2000). Porém, a identidade ligada ao papel do pai é



particularmente importante no envolvimento paterno uma vez que o comportamento do pai é de algum modo mais discricionário e menos determinado pelas normas sociais do que o comportamento da mãe (Parke, 2002; Tamis-LeMonda & Cabrera, 1999).

- (5) Competência e autoconfiança. As percepções dos pais acerca das suas competências como cuidadores, a forma como valorizam o seu papel de pais e as crenças na base biológica das diferenças de género, estão relacionadas com o envolvimento paterno (Parke, 1995). Com efeito, a competência auto percebida dos pais na interação com os filhos está associada com o seu envolvimento (Beitel & Parke, 1998; Crouter et al., 1987; Fagan & Barnett, 2003; McBride, 1990).

Para além destes fatores, devemos ainda considerar a influência de variáveis extrafamiliares e da rede social de apoio para o envolvimento do pai no processo desenvolvimental dos filhos. Nomeadamente diz que respeito ao suporte da mãe a esse envolvimento e às dimensões que influenciam na qualidade da relação conjugal (por exemplo, emprego, bem-estar físico e psicológico, satisfação com a relação).

Quando consideramos os fatores institucionais, práticas e políticas, podemos estruturá-los em:

- (1) Variáveis mesossistémicas, como a interação família-trabalho; e
- (2) Variáveis exo e macrosistémicas.

As primeiras constituem uma linha de influência muito relevante para o envolvimento do pai (Marsiglio, Amato et al., 2000), influenciando também o relacionamento conjugal e as interações familiares (Crouter & Manke, 1997). Inclusivamente, apesar de menos estudado, o envolvimento paterno também tem impacto no emprego. Por exemplo, Lerner e Sorensen (2000) verificaram uma relação positiva entre o aumento do nível de envolvimento do pai com os filhos e o número de horas de trabalho e rendimentos. As barreiras ligadas ao emprego dos pais, tal como o elevado número de horas de trabalho, constituem uma fonte de pressão ou stress para o necessário equilíbrio entre o trabalho e a família, e são uma das principais razões pelas quais se verifica um baixo nível de envolvimento paterno (Milkie & Peltola, 1999). Com efeito, estas e outras especificidades caracterizam contextos de trabalho pouco apoiantes e aparecem associados aos referidos baixos níveis de envolvimento (Goodman et al., 2008).

Por último, a nível exo e macrosistémico é importante considerar as medidas organizacionais, legislativas e políticas de apoio à família, em geral, e à participação do pai no processo desenvolvimental dos filhos, em particular.



4. Consequências do envolvimento paterno

Atualmente existe um corpo substancial de resultados das investigações que sustentam o contributo do envolvimento do pai na trajetória desenvolvimental dos/as filhos/as a diferentes níveis. Além destes impactos, também existem consequências para o próprio pai:

- (1) No seu bem-estar psicológico e satisfação pessoal;
- (2) Na satisfação com a relação conjugal;
- (3) Na participação na comunidade.

Focando-nos apenas nas consequências desenvolvimentais para os/as filhos/as, a este propósito Bronfenbrenner (1995, p. 123) salienta que “os pais ainda têm mais influência nas variações da competência e do caráter da criança do que as mães. Porque? Porque os pais variam mais. Alguns pais apercebem-se da sua importância, outros não. Mas a maioria das mães apercebe-se disto e por isso são os pais que marcam a diferença. Não é muito profundo, mas há coisas que não são muito profundas e que são importantes para a criança.”

As consequências do envolvimento paterno são assim diversas e significativas em diferentes domínios do desenvolvimento.

- (1) Desenvolvimento cognitivo e desempenho escolar. Diversos estudos apontam para a significância do envolvimento paterno ao nível do desenvolvimento cognitivo das crianças, mesmo em idades muito precoces.

Verificam-se diferenças nas características e estilos de comunicação dos pais e das mães com as crianças (eg. Lamb, 2005). Os pais favorecem o assumir de um papel mais participativo por parte da criança ao longo das trocas verbais, o que promove a utilização de frases mais longas e um vocabulário mais diversificado (eg. Rowe, Cocker, & Pan, 2004). Mesmo com crianças pequenas, os pais assumem estratégias de interação mais facilitadoras da exploração do ambiente e são mais desafiantes para a criança, enquanto as mães tendem a ser mais protetoras (eg. Camus, 2000).

Quanto mais os pais se envolvem melhor as crianças tendem a desempenhar as suas tarefas escolares, quer académicas (eg. Howard, Lefever, Borkowski, & Whitman, 2006) quer sociais (eg. Radin, Williams, & Coggins, 1994) e assumem uma atitude mais favorável em relação à escola como um todo (eg. Flouri, Buchanan, & Bream, 2002).

O envolvimento do pai está negativamente relacionado com abandono escolar (eg. Rosenthal, 1998), reprovações, suspensões ou expulsões da escola (eg. Nord & West, 2001) e comportamentos de risco (eg. Bronte-Tinkew, Moore, & Carrano, 2006).



- (2)** Bem-estar emocional e comportamento. O envolvimento paterno é benéfico para o bem-estar emocional dos filhos (eg. Gottman, 1998), aparecendo associado a maior satisfação com a vida, menos experiências depressivas ou problemas de comportamento (eg. Formoso et al., 2007), e menos sofrimento ou angústia (eg. Flouri, 2006). Filhos de pais envolvidos evidenciam maior tolerância ao stress e à frustração (eg. Mischel, Shoda, & Peake, 1988) revelam melhores competências na resolução de problemas e comportamentos adaptativos, são mais sociáveis (eg. Mosley & Thompson, 1995) e percebem-se como tendo melhores competências sociais (eg. Dubowitz et al., 2001). Evidenciam um *locus* de controlo interno (eg. Radin et al., 1994), apresentam maior capacidade para assumir a iniciativa, estabelecer metas pessoais e autocontrolo (eg. Amato, 1988).

O envolvimento paterno contribui de modo significativo e independente para o bem-estar e satisfação na adolescência (eg. Flouri & Buchanan, 2003). Verifica-se uma relação positiva e significativa entre a relação com o pai, e os auto-relatos de ajustamento psicológico na juventude (eg. Veneziano, 2000). Pré-adolescentes (eg. Fardilha & Lima, 2013) e adolescentes portugueses consideram que os pais se interessam e apoiam os filhos e são os principais educadores no que respeita à autoridade, regras e valores adequados à vivência em sociedade (eg. Toste & Lima, 2013).

O envolvimento aparece associado a poucos problemas de comportamento nas crianças de idade escolar (eg. Howard et al., 2006) com a menor frequência de problemas internalizados ou externalizados de comportamento (eg. King & Sobolewski, 2006) e é considerado um fator crucial enquanto preditor dos resultados comportamentais em adolescentes (eg. Carlson, 2006). Com crianças portuguesas (8-10 anos) o envolvimento do pai, independentemente do envolvimento da mãe, é preditor da maior ou menor frequência de problemas de comportamento na escola (Lima, 2009).

- (3)** Desenvolvimento social. O envolvimento paterno também aparece associado ao desenvolvimento de competências sociais nos filhos (eg. Lima, 2009; Stolz, Barber, & Olsen, 2005), logo a partir das primeiras idades. O apoio do pai, (sensibilidade, atenção, afeto, e estimulação cognitiva durante os períodos de jogo), aparece associado a competências sociais nas crianças, mesmo em idades precoces (eg. Tamis-LeMonda et al., 2004). O envolvimento paterno em atividades de jogo está positivamente correlacionado com a qualidade das interações dos filhos com os seus pares em idade pré-escolar, especialmente em rapazes (eg. MacDonald & Parke, 1984).

Crianças de pais envolvidos apresentam mais frequentemente interações pró-sociais com os irmãos (eg. Volling & Belsky, 1992), mostram poucas reações negativas em situações de jogo com os pares, menos ansiedade na interação com outras crianças, e resolvem os problemas entre eles em vez de procurarem a intervenção da professora (eg. Suess, Grossman, & Sroufe, 1992). Verifica-se que os filhos de pais envolvidos apresentam uma rede social de apoio estável, relações de amizade próximas e duradouras (eg. Franz, McClelland, & Weinberger, 1991).



Resultados de estudos longitudinais sustentam que os filhos de pais envolvidos tendem a assumir relações íntimas bem-sucedidas (eg. Flouri & Buchanan, 2002) e é menos provável que se divorciem (eg. Risch, Jodl, & Eccles, 2004). Este maior envolvimento do pai começa logo a perspectivar-se no acompanhamento paterno ao longo do período de gravidez e parto (eg. Ferreira & Lima, 2014).

- (4)** Desenvolvimento físico. A atividade física é crucial para o desenvolvimento humano (eg. Heitzler, Martin, Duke, & Huhman, 2006) e a importância dos pais para a prática de atividade física dos filhos não deve ser subestimada (Brustad, 1993).

O envolvimento dos pais nas atividades das crianças tem um impacto imediato nos níveis atuais de atividade dos filhos e também efeitos a longo prazo, na idade adulta (eg. Thompson, Humbert, & Mirwald, 2003). A inatividade dos pais é um forte preditor da inatividade das crianças (eg. Trost et al., 2003) sendo mais provável encontrarmos crianças obesas a viverem com pais pouco envolvidos do que o inverso (eg. Strauss & Knight, 1999).

Os pais despendem mais tempo em atividades físicas com os filhos, enquanto as mães influenciam de modo mais preponderante as atividades das filhas (eg. MacDonald & Parke, 1986). Pais e mães fomentam uma maior participação dos filhos, em comparação com as filhas, em atividades desportivas (eg. Eccles & Harold, 1991). Com crianças portuguesas esta divisão sugere atividades consideradas social e culturalmente mais apropriadas em função do sexo da criança (eg. Teixeira, Lima, e Cruz, 2008). Contudo, adolescentes portugueses consideram que os pais não fazem distinção na assunção de responsabilidades entre filhos e filhas adolescentes (eg. Cortijo & Lima, 2014).

- (5)** Ausência de envolvimento paterno. Filhos de pais divorciados, em comparação com crianças cujos pais nunca se separaram, apresentam significativamente mais problemas de ajustamento e de realização (eg. Kelly, 2000). Num estudo com crianças portuguesas, elas mostravam-se significativamente mais satisfeitas com o grau de envolvimento das mães do que dos pais, nomeadamente durante a semana (e.g. Cruz & Lima, 2011).

Numa investigação relativa a mais de 25000 crianças, verificou-se que as que viviam em famílias monoparentais obtinham graus académicos mais baixos, tinham menos aspirações académicas e era mais frequente o abandono escolar (eg. McLanahan & Sandefur, 1994). Apresentam maior prevalência de problemas de comportamento e psicológicos, como a timidez e a agressividade (eg. McLanahan & Percheski, 2008). É mais frequente que sejam expulsos, suspensos (eg. Dawson, 1991) ou abandonem a escola (eg. Painter & Levine, 2000).

Revelam ainda maior probabilidade de estabelecer relacionamentos com pares com comportamentos desviantes, terem problemas com outras crianças, e serem consideradas crianças em risco (eg. Mott et al., 1997). Muitos dos efeitos encontrados eram similares para os rapazes e para as raparigas, e em crianças de diferentes níveis socioeconómicos, raça ou etnia (eg. McLanahan & Percheski, 2008) e não variava em função da maior ou menor proximidade geográfica (eg. Cruz & Lima, 2011).



Num estudo comparativo entre 500 jovens considerados delinquentes e outros 500 considerados não delinquentes, verificou-se que a ausência do pai e a fraca supervisão ou acompanhamento dos filhos adolescentes é considerado o principal fator associado à delinquência, mais do que a pobreza (eg. Sampson & Laub, 1994). Naturalmente que, também aqui, não podemos ignorar os efeitos cumulativos de risco (...). A título de exemplo, em 2004, nos EUA, 5,5% de famílias biparentais viviam em situação de pobreza, enquanto 28,4% de famílias monoparentais (apenas com a mãe) viviam nessas condições (eg. DeNavas-Walt, Proctor, & Smith, 2007). Em Portugal (cf. INE, 2011), a maioria dos núcleos monoparentais corresponde a situações de mães com filhos (86,7%), constituindo um dos grupos com maior proporção de pessoas em risco de pobreza (27,9%) e maior intensidade da pobreza (28,1%).

Contudo, quando os pais divorciados continuam a envolver-se no processo desenvolvimental dos filhos, mesmo após a separação, verifica-se que muitos dos efeitos negativos experienciados pelas crianças são menos frequentes. Por exemplo, não se encontram diferenças significativas no desempenho e rendimento académico destas crianças em relação às de famílias biparentais (eg. Nord et al., 1997).

5. Nota final

A leitura desta componente escrita não deve ser desligada do contexto e do propósito que lhe serviu de base, ou seja, o momento formativo dedicado a esta temática. Como tal, procura de modo sustentado e complementar, refletir e sintetizar, na forma e no conteúdo, os diversos tópicos que foram abordados na referida ação de formação.

Em suma, o presente trabalho teve por objetivo basilar procurar proporcionar um “olhar” mais compreensivo e heurístico sobre o envolvimento do pai, as suas formas, determinantes e consequências desenvolvimentais desse mesmo envolvimento.

Bibliografia principal

Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: The role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology*, 12(2), 268-288.

Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings. In R. H. Wosniak & Fischer (Eds.), *Scientific environments* (pp. 3-44). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Bronfenbrenner, U. (1995a). The bioecological model from a life course perspective: Reflexions of a participant observer. In P. Moen, G. Elder Jr. & K. Lüscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 599- 618). Washington DC: American Psychological Association.



Bronfenbrenner, U. (1995b). Uma família e um mundo para o bebê XXI: Sonho e realidade. In J. Gomes-Pedro & M. Patrício (Eds.), *Bebê XXI: Criança e família na viragem do século* (pp. 115-126). Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian.

Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (5 ed., Vol. 1, pp. 993-1028). New York: John Wiley & Sons.

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. L., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.

Camus, J. L. (2000). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar.

Hawkins, A., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men's Studies*, 8, 11-32.

Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: An introductory overview and guide. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 1-18). New York: John Wiley & Sons.

Lamb, M. E. (1998). Fatherhood then and now. In A. Booth & A. C. Crouter (Eds.), *Men in families: When do they get involved? What difference does it make?* (pp. 47-52). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.

Lamb, M. E. (2004). *The role of father in child development*. Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons.

Lamb, M. E. (2005). *The many faces of fatherhood: Some thoughts about fatherhood and immigration*. Paper presented at the On new shores: Understanding immigrant fathers in North America, October 27-28, Syracuse New York.

Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4 ed., pp. 1-31). New York: John Wiley & Sons.

Lamb, M. E., Pleck, Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.



Lima, J. A. (2001). *Processos de socialização da criança em idade pré-escolar: O envolvimento paterno*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Lima, J. A. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. Bairrão (Ed.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto: Livpsic.

Lima, J. A. (2009). *O envolvimento do pai no processo desenvolvimental da criança em idade escolar: Formas, factores e consequências*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Marsiglio, W., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Exploring fatherhood diversity: Implications for conceptualizing father involvement. *Marriage & Family Review*, 29(4), 269-293.

McBride, B. A., & Rane, T. R. (1998). Parenting alliance as a predictor of father involvement: An exploratory study. *Family Relations*, 47(3), 229-236.

McBride, B. A., Schoppe-Sullivan, S. J., Moon-Ho, H., & Rane, T. R. (2004). Multiple determinants of father involvement: An exploratory analysis using the PSID-CDS data set. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 321-340). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. Hawkins & D. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 220-216). Thousand Oaks, CA: Sage.

Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Development Science*, 11(4), 190-195.

Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Mahwah, New Jersey: Erlbaum.

Parke, R. D. (2004). Fathers, families, and the future: A plethora of plausible predictions. *Merrill-Palmer Quarterly*, 50(4), 456-470.

Pleck, J. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 66-103). New York: John Wiley & Sons.

Pleck, J. (2007). Why could father involvement benefit children? Theoretical perspectives. *Applied Development Science*, 11(4), 196-202.

Sameroff, A. J., & Fiese, B. H. (2000). Transactional regulation: The developmental ecology of early intervention. In J. Shonkoff & S. Meisels (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 135-159). Cambridge: Cambridge University Press.



Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing fathers' roles: Playmates and more. *Human Development*, 47, 220-227.

Zuo, J. (2004). Shifting the breadwinning boundary: The role of men's breadwinner status and their gender ideologies. *Journal of Family Issues*, 25, 811-832.

Apresentação Power Point



U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Centro de
Estudos Judiciários
(Lisboa)

Temas de Direito da Família e das Crianças
Parentalidade e género

***O Envolvimento do Pai:
Formas, Fatores e Consequências***

20.05.2016

José Albino Lima 

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Porquê abordar o Envolvimento do Pai



2

Recordando...

Conceitos-chave

- ❖ O desenvolvimento humano decorre ao **longo do ciclo vital**, através de **processos de interação dinâmicos e recíprocos**, cada vez mais complexos, e **em determinado contexto ecológico**;
- ❖ As **relações humanas**, e os efeitos das relações nas relações, são a **base do desenvolvimento**.

3



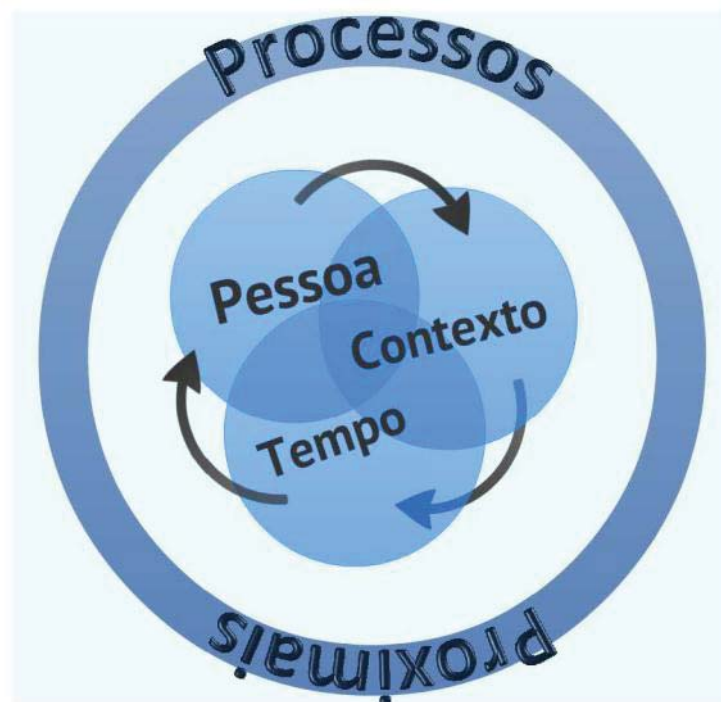
O enquadramento conceptual do envolvimento paterno numa perspetiva bioecológica do desenvolvimento humano

Pessoa x Processo x Contexto X Tempo

Os processos Proximais enquanto "motor" do desenvolvimento humano

Mecanismos primários do desenvolvimento incluindo formas específicas e duradouras de interação entre a pessoa em desenvolvimento e o meio ambiente imediato

4



5

A Metáfora da TEIA CONSTRUTIVA



A aranha tece os fios da teia com padrões de ação organizados instintivamente.
Porém, existe uma relação estreita entre a atividade do edificador da teia, os processos e os contextos onde ela é construída!

6

A Metáfora da TEIA CONSTRUTIVA



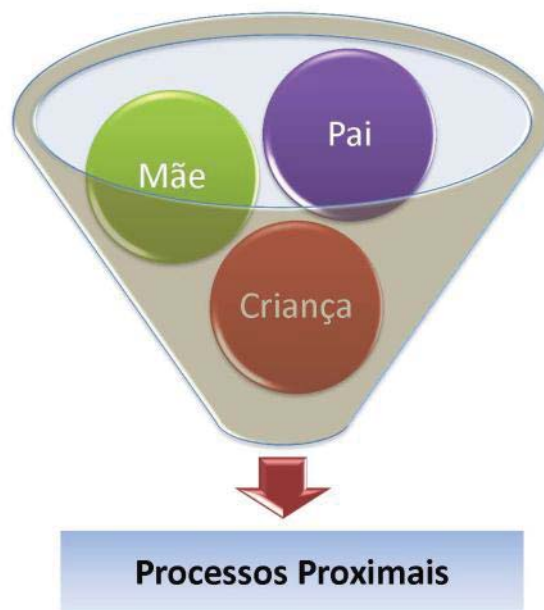
7

A Metáfora da TEIA CONSTRUTIVA



8

A Família como cenário de processos proximais...



9

Apontamento

O desenvolvimento pode ser comparado a um jogo de ping-pong disputado entre dois jogadores, um mais velho do que o outro, entre os quais existe uma adoração mútua e no qual os dois têm a aprender um com o outro” mas esse jogo “depende de um certo grau de disponibilidade e de envolvimento por parte de um outro adulto, uma terceira parte, que dá assistência, que encoraja, que toma o lugar do primeiro, que dá importância, que exprime a sua admiração e que se envolve na atividade da criança; e quem é essa pessoa neste caso? Quem é essa pessoa? **É o pai, pois ele pode jogar tão bem com apenas metade das oportunidades, ele joga de outra forma, que não deixa de ser tão eficaz.**

Bronfenbrenner (1995, p. 118)

10



11

Sinais dos tempos...



Historicamente a investigação em Psicologia sobre o envolvimento parental tem-se centrado sobre os processos de interacção entre a mãe e a criança

Contemporaneamente reconhece-se que o Pai pode desempenhar um papel muito significativo no processo desenvolvimental da criança, do pai e da família como um todo.

12

Introdução

Transformações sociais

13

Profissionalização do trabalho feminino

A divisão das tarefas domésticas e o cuidar dos filhos

A crise económica e social

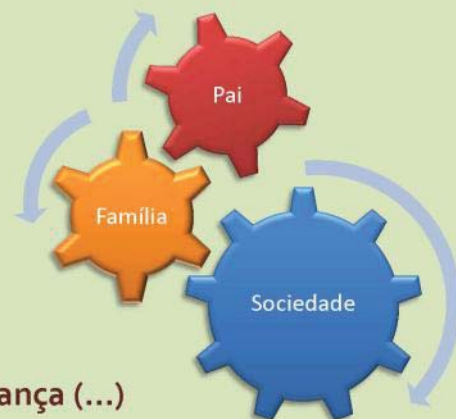
O desemprego

As separações e divórcios

As expectativas da sociedade

As políticas de apoio à família

O bem-estar e o desenvolvimento da criança (...)



Número de divórcios

Fonte: INE – DGPIMJ, Pordata



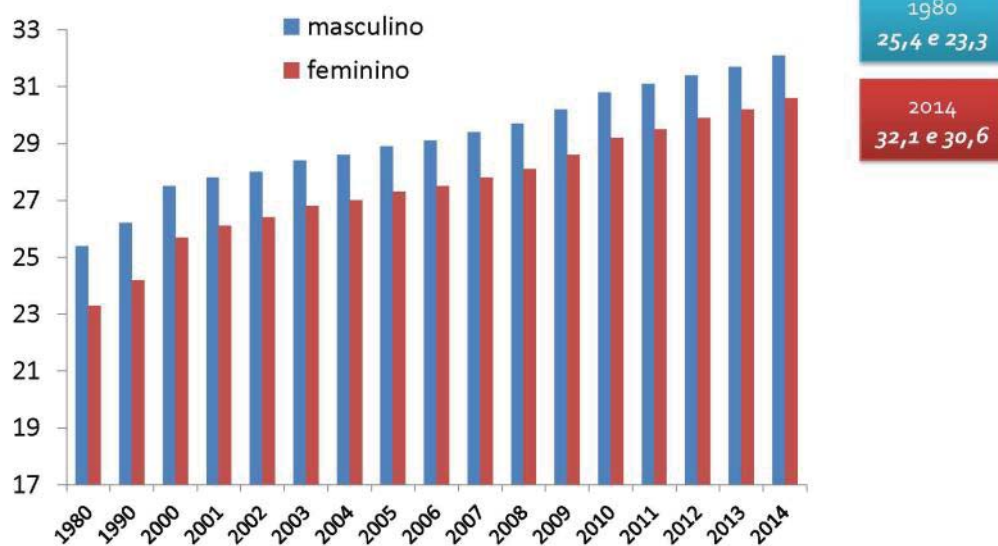
Número de divórcios por cada 100 casamentos

Fonte: INE – DGPIMJ, Pordata



Idade média ao primeiro casamento, por sexo

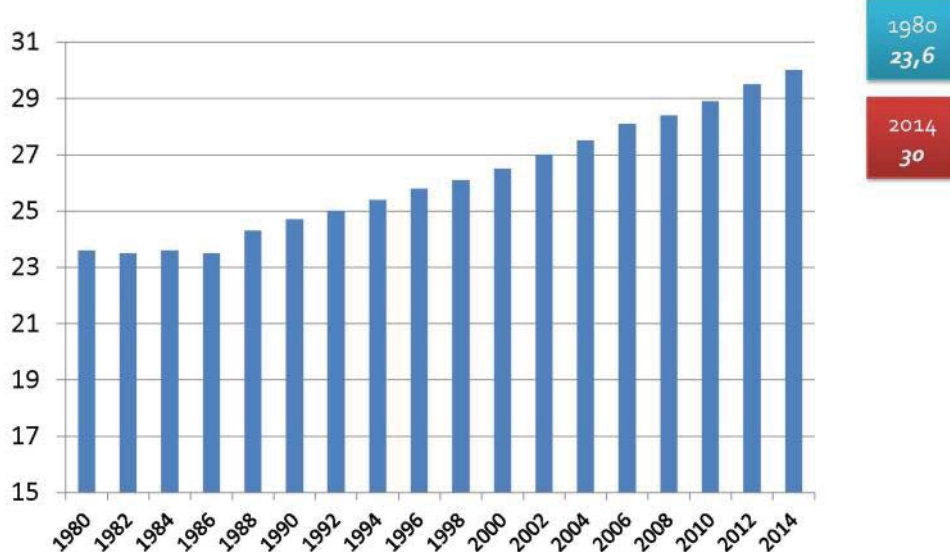
Fonte: INE – DGPIMJ, Pordata



16

Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho

Fonte: INE – DGPIMJ, Pordata



17

Indicadores de fecundidade

Fonte: INE – DGPJMJ, Pordata

Outros exemplos

Anos	Índice Sintético de Fecundidade	Taxa Bruta de Reprodução
+ 1960	3,20	1,56
+ 1970	3,00	1,46
+ 1980	2,25	1,10
+ 1990	1,57	0,77
2000	1,55	0,76
2001	1,45	0,71
2002	1,47	0,72
2003	1,44	0,70
2004	1,41	0,69
2005	1,42	0,69
2006	1,38	0,67
2007	1,35	0,66
2008	1,40	0,68
2009	1,35	0,66
2010	1,39	0,68
2011	1,35	0,62
2012	1,28	0,59
2013	1,21	0,60
2014	1,23	

Casamentos não católicos (%)

1960
9,31970
13,41980
25,41990
27,52000
35,22005
44,92010
57,52014
64,1

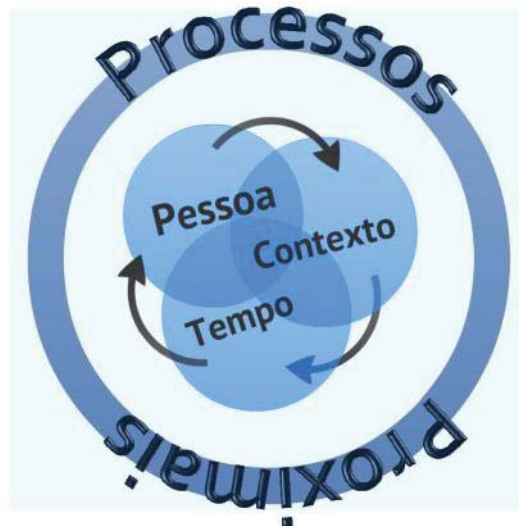
18

Uma possibilidade...



19

SINAIS DOS TEMPOS...



20

FATHERHOOD.GOV
National Responsible Fatherhood Clearinghouse

[Home Page](#) [About Us](#) [DadTalk Blog](#) [For Dads](#)

Check out Federal Programs and Resources

The White House has partnered with a number of other Federal Departments to promote programs, resources and activities that support fathers in local communities.

[Read More >>](#)

Take the President's Fatherhood Pledge

"President Obama knows first hand the power of fathers being present in the lives of children and communities - and the holes that dads leave when they are absent. Join with the President and fathers, mothers, and other role models from across the country by signing the President's Fatherhood Pledge. Sign up for updates from fatherhood and family leaders and receive tips on mentoring. Together, let's renew our commitment to family and community."

Name:

City:

State:

ZIP:

Email:

Mobile #:

Send me updates by:

Take the pledge!

This is an official U.S. Government Web site managed by the U.S. Department of Health & Human Services.

SIGN THE FATHERHOOD PLEDGE

[Learn More](#)

21



Apontamento

A questão da Licença Parental

No caso paradigmático da Suécia, as medidas governamentais podem-se resumir no slogan – “**Half each!**”!

Pai e mãe têm a mesma responsabilidade pelo uso da licença parental e a mensagem que se pretende transmitir é a de **partilha equitativa e de comprometimento** a longo termo com a família.

Há mais de 10 anos os pais suecos têm 2 meses de licença parental não *transferíveis* e ainda mais 10 meses para partilhar (cf. Haas & Hwang, 2005).

22

Apontamento

A questão da Licença Parental

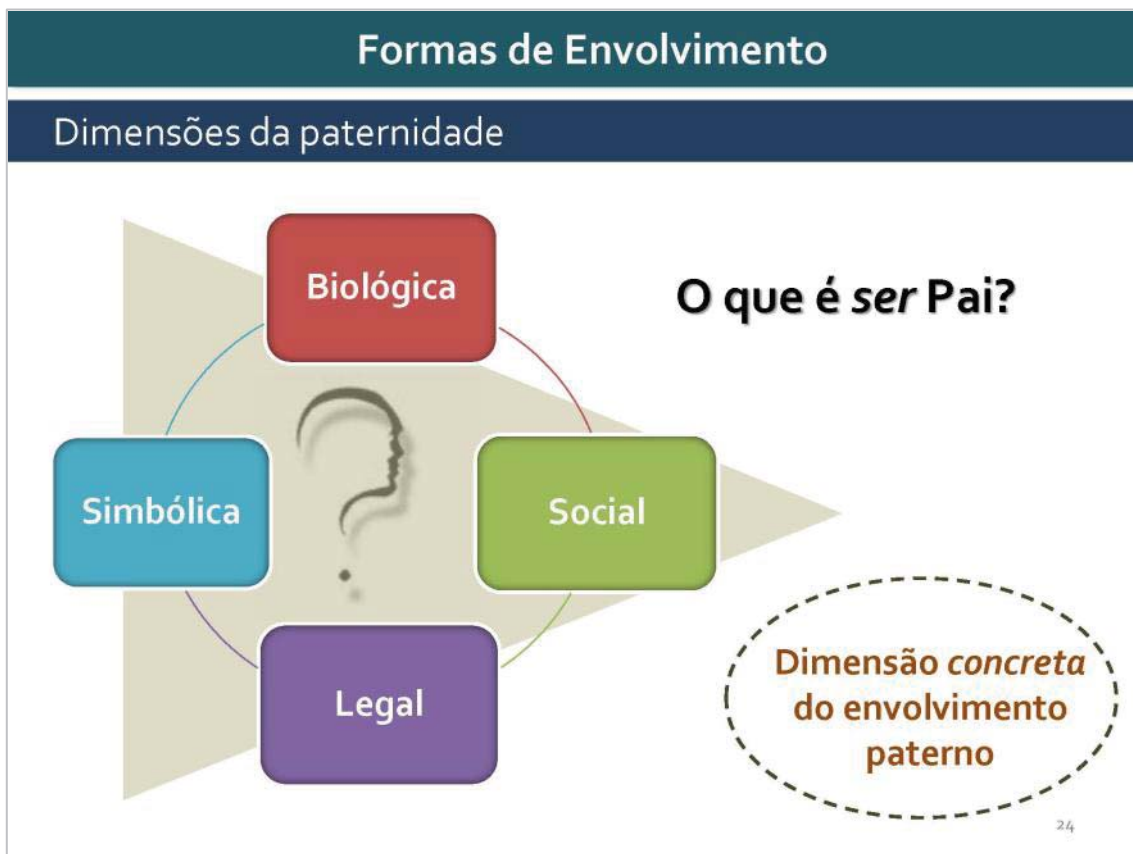
Em Portugal, desde **1999** (cf. "Lei nº 142/99 de 31 de Agosto,") o pai tinha direito a uma licença de **5 dias úteis no primeiro mês** a seguir ao nascimento do filho e, por decisão conjunta dos pais, podia ainda usufruir de **parte dos 120 dias** de licença concedidos por maternidade.

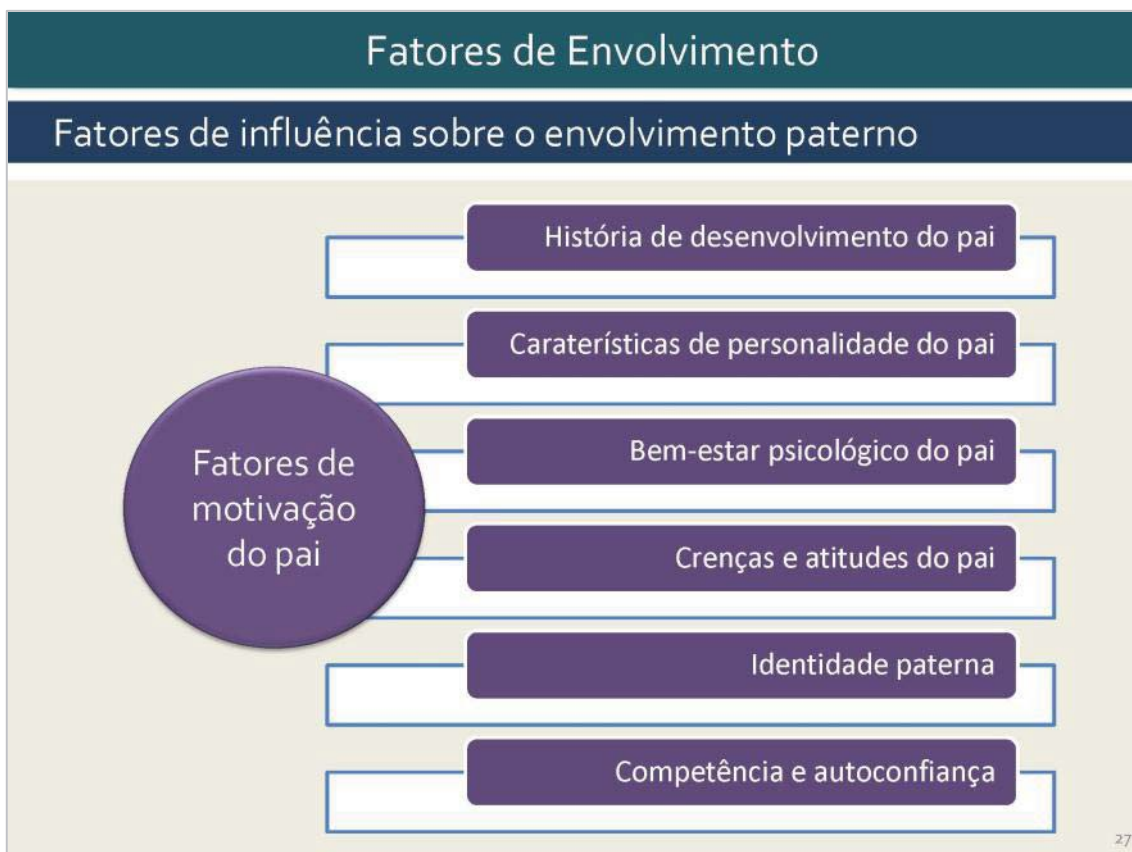
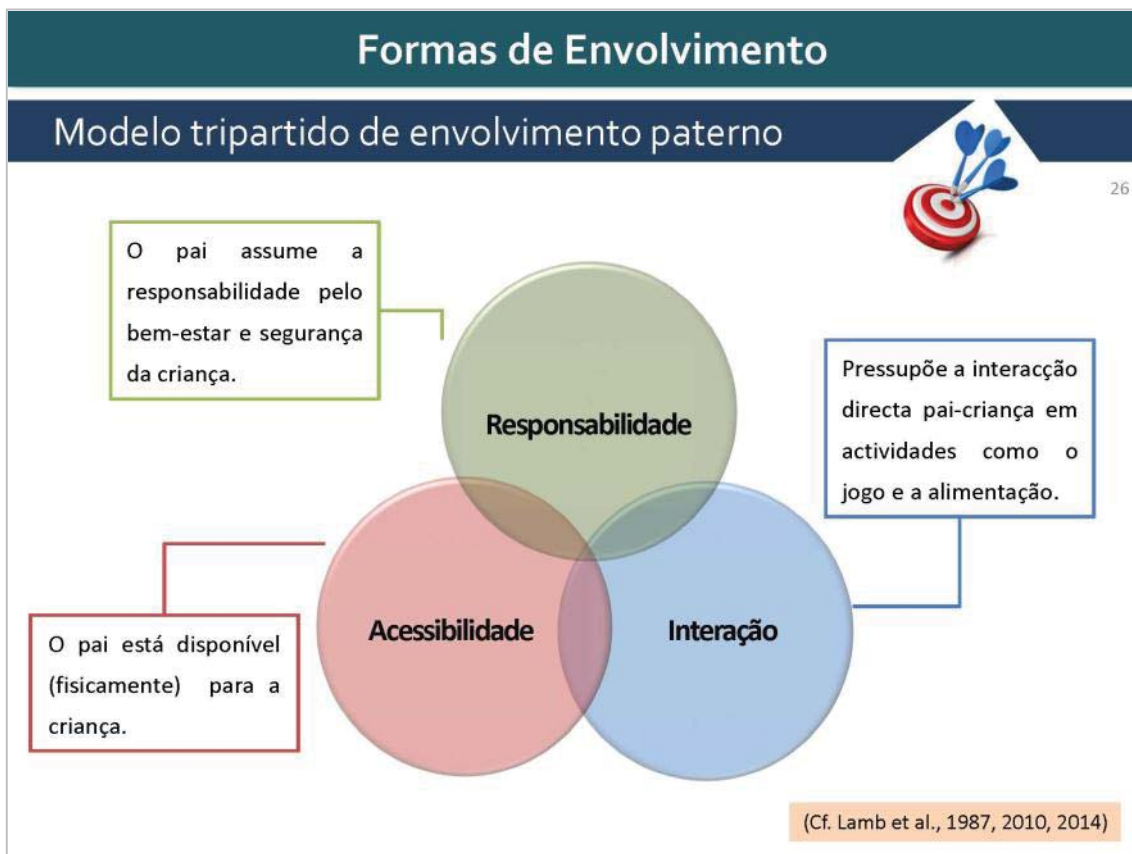
Em **2009** (cf. DL n.º 91/2009 de 9 de Abril) "Procede-se ao aumento do período de licença parental para **seis meses** subsidiados a 83% ou **cinco meses** a 100% na situação de partilha da licença entre mãe e pai. O pai passou a ter direito a **10 dias úteis de gozo obrigatório** e mais **10 dias úteis de gozo facultativo**."

Em **2016** o pai passou a ter direito a **15 dias úteis** de gozo obrigatório (...)

23









Apontamento

"os pais ainda têm mais influência nas variações da competência e do carácter da criança do que as mães. Porquê? Porque os pais variam mais. Alguns pais apercebem-se da sua importância, outros não. Mas **a maioria das mães apercebe-se disto e por isso são os pais que marcam a diferença.** Não é muito profundo, mas há coisas que não são muito profundas e que são importantes para a criança."

Bronfenbrenner (1995, p. 123)

30

Consequências de Envolvimento

Contributo do envolvimento do pai

Consequências para o pai

Bem-estar psicológico e satisfação pessoal

Satisfação com a relação conjugal

Participação na comunidade



31



RESULTADOS E CONCLUSÕES... ALGUNS EXEMPLOS...

O que nos diz a Investigação sobre as consequências do Envolvimento Paterno ?



32

Desenvolvimento cognitivo e desempenho escolar

- 1 Um corpo substancial de investigações aponta para a significância do envolvimento paterno ao nível do **desenvolvimento cognitivo das crianças, mesmo em idades muito precoces.**
- 2 **Verificam-se diferenças nas características e estilos de comunicação dos pais e das mães com as crianças** (eg. Lamb, 2005). Os pais favorecem o assumir de um papel mais participativo por parte da criança ao longo das trocas verbais, o que promove a utilização de frases mais longas e um vocabulário mais diversificado (eg. Rowe, Cocker, & Pan, 2004).
- 3 Mesmo com crianças pequenas, **os pais assumem estratégias de interação mais facilitadoras da exploração do ambiente e são mais desafiantes** para a criança, enquanto as mães tendem a ser mais protetoras (eg. Camus, 2000).

33



4

Quanto mais os pais se envolvem melhor as crianças tendem a **desempenhar as suas tarefas escolares, quer académicas** (eg. Howard, Lefever, Borkowski, & Whitman, 2006) quer **sociais** (eg. Radin, Williams, & Coggins, 1994) e assumem uma **atitude mais favorável em relação à escola como um todo** (eg. Flouri, Buchanan, & Bream, 2002).

5

O envolvimento do pai está **negativamente relacionado com abandono escolar** (eg. Rosenthal, 1998), **reprovações, suspensões ou expulsões da escola** (eg. Nord & West, 2001) e **comportamentos de risco** (eg. Bronte-Tinkew, Moore, & Carrano, 2006).

34

35

Bem-estar emocional e comportamento

1

O envolvimento paterno é benéfico para o **bem-estar emocional dos filhos** (eg. Gottman, 1998), aparecendo associado a **maior satisfação com a vida, menos experiências depressivas ou problemas de comportamento** (eg. Formoso et al., 2007), e menos sofrimento ou angústia (eg. Flouri, 2006).

2

Filhos de pais envolvidos evidenciam **maior tolerância ao stress e à frustração** (eg. Mischel, Shoda, & Peake, 1988) revelam **melhores competências na resolução de problemas e comportamentos adaptativos, são mais sociáveis** (eg. Mosley & Thompson, 1995) e percebem-se como tendo melhores competências sociais (eg. Dubowitz et al., 2001).

3

Evidenciam um **locus de controlo interno** (eg. Radin et al., 1994), apresentam maior capacidade para assumir a iniciativa, estabelecer metas pessoais e autocontrolo (eg. Amato, 1988).

35



4

O envolvimento paterno contribui de modo significativo e independente para o **bem-estar e satisfação na adolescência** (eg. Flouri & Buchanan, 2003). Verifica-se uma relação positiva e significativa entre a relação com o pai, e os auto-relatos de ajustamento psicológico na juventude (eg. Veneziano, 2000). Pré-adolescentes (eg. Fardilha & Lima, 2013) e adolescentes portugueses consideram que os pais **interessam-se e apoiam** os filhos e são os principais educadores no que respeita à **autoridade, regras e valores** adequados à vivência em sociedade (eg. Toste & Lima, 2013).

5

O envolvimento aparece associado a **poucos problemas de comportamento nas crianças de idade escolar** (eg. Howard et al., 2006) com a menor frequência de problemas internalizados ou externalizados de comportamento (eg. King & Sobolewski, 2006) e é considerado **um factor crucial enquanto preditor dos resultados comportamentais em adolescentes** (eg. Carlson, 2006).

6

Com crianças portuguesas (8-10 anos) o **envolvimento do pai**, independentemente do envolvimento da mãe, é **preditor** da maior ou menor **frequência de problemas de comportamento** na escola (Lima, 2009).

36

37

Desenvolvimento social

1

O envolvimento paterno também aparece associado com o desenvolvimento de **competências sociais** nos filhos (eg. Lima, 2009; Stolz, Barber, & Olsen, 2005), logo a partir das primeiras idades.

2

O **apoio do pai**, (sensibilidade, atenção, afecto, e estimulação cognitiva durante os períodos de jogo), aparece associado a **competências sociais nas crianças, mesmo em idades precoces** (eg. Tamis-LeMonda et al., 2004).

3

O **envolvimento paterno em atividades de jogo** está positivamente correlacionado com **a qualidade das interações dos filhos** com os seus pares em idade pré-escolar, especialmente em rapazes (eg. MacDonald & Parke, 1984).



- 3 Crianças de pais envolvidos apresentam mais frequentemente **interações pró-sociais com os irmãos** (eg. Volling & Belsky, 1992), mostram **poucas reações negativas em situações de jogo com os pares**, menos ansiedade na interação com outras crianças, e resolvem os problemas entre eles em vez de procurarem a intervenção da professora (eg. Suess, Grossman, & Sroufe, 1992).
- 4 Verifica-se que os filhos de pais envolvidos apresentam uma **rede social de apoio estável, relações de amizade próximas e duradoiras** (eg. Franz, McClelland, & Weinberger, 1991).
- 5 Resultados de estudos longitudinais sustentam que os filhos de pais envolvidos tendem a assumir **relações íntimas bem sucedidas** (eg. Flouri & Buchanan, 2002) e **é menos provável que se divorciem** (eg. Risch, Jodl, & Eccles, 2004).
- 6 Este maior envolvimento do pai começa logo a perspectivar-se no acompanhamento paterno ao longo do período de **gravidez e parto** (eg. Ferreira & Lima, 2014).

Desenvolvimento físico

- 1 A actividade física é crucial para o desenvolvimento humano (eg. Heitzler, Martin, Duke, & Huhman, 2006) e a **importância dos pais para a prática de atividade física dos filhos não deve ser subestimada** (Brustad, 1993).
- 2 O envolvimento dos pais nas atividades das crianças tem um **impacto imediato nos níveis atuais de atividade dos filhos e também efeitos a longo prazo**, na idade adulta (eg. Thompson, Humbert, & Mirwald, 2003).
- 3 A **inatividade dos pais é um forte preditor da inatividade das crianças** (eg. Trost et al., 2003) sendo mais provável encontrarmos crianças obesas a viverem com pais pouco envolvidos do que o inverso (eg. Strauss & Knight, 1999).



4 Os **pais** despendem mais tempo em **atividades físicas com os filhos**, enquanto as **mães** influenciam de modo mais preponderante as atividades das **filhas** (eg. MacDonald & Parke, 1986).

5 **Pais e mães fomentam uma maior participação dos filhos**, em comparação com as filhas, em atividades desportivas (eg. Eccles & Harold, 1991).

6 Com crianças portuguesas esta divisão sugere **atividades consideradas social e culturalmente mais apropriadas em função do sexo da criança** (eg. Teixeira, Lima, e Cruz, 2008).

Contudo, adolescentes portugueses consideram que os pais **não fazem distinção na assunção de responsabilidades entre filhos e filhas** adolescentes (eg. Cortijo & Lima, 2014).

41

Consequências da ausência de envolvimento paterno

1 Filhos de **pais divorciados**, em comparação com crianças cujos pais nunca se separaram, apresentam significativamente **mais problemas de ajustamento e de realização** (eg. Kelly, 2000). Num estudo com crianças portuguesas elas mostravam-se significativamente mais satisfeitas com o grau de envolvimento das mães do que dos pais, nomeadamente durante a semana (e.g. Cruz & Lima, 2011).

2 Numa investigação relativa a mais de 25000 crianças, verificou-se que as que viviam em **famílias monoparentais obtinham graus académicos mais baixos, tinham menos aspirações académicas e era mais frequente o abandono escolar** (eg. McLanahan & Sandefur, 1994).

3 Apresentam **maior prevalência de problemas de comportamento e psicológicos**, como a timidez e a agressividade (eg. McLanahan & Percheski, 2008).

41



4

É mais frequente que sejam expulsos, suspensos (eg. Dawson, 1991) ou abandonem a escola (eg. Painter & Levine, 2000). Revelam ainda maior probabilidade de **estabelecer relacionamentos com pares com comportamentos desviantes, terem problemas com outras crianças, e serem consideradas crianças em risco** (eg. Mott et al., 1997).

5

Muitos dos **efeitos** encontrados **eram similares para os rapazes e para as raparigas**, e em crianças de **diferentes níveis socioeconómicos, raça ou etnia** (eg. McLanahan & Percheski, 2008) e **não variava** em função da maior ou menor **proximidade geográfica** (eg. Cruz & Lima, 2011).

6

Num estudo comparativo entre 500 jovens considerados delinquentes e outros 500 considerados não delinquentes, verificou-se que **a ausência do pai e a fraca supervisão ou acompanhamento dos filhos adolescentes é considerado o principal fator associado à delinquência, mais do que a pobreza** (eg. Sampson & Laub, 1994).

42

7

Naturalmente que também aqui não podemos ignorar os **efeitos cumulativos de risco** (...).

8

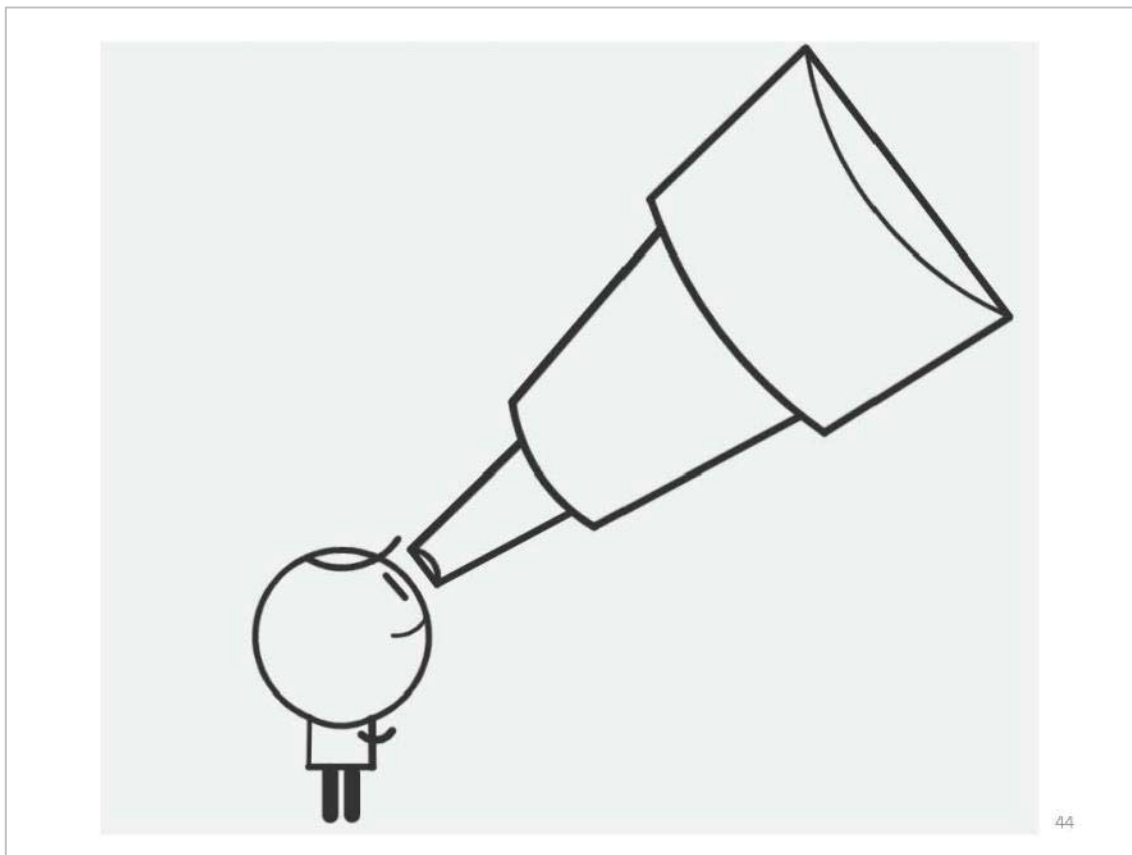
Por exemplo, em 2004, nos EUA, 5,5% de famílias biparentais viviam em situação de pobreza, enquanto 28,4% de famílias monoparentais (apenas com a mãe) viviam nessas condições (eg. DeNavas-Walt, Proctor, & Smith, 2007). Em Portugal (cf. INE, 2011) a maioria dos núcleos **monoparentais** corresponde a situações de mães com filhos (86,7%) constituindo um dos grupos com maior proporção de pessoas em **risco de pobreza** (27,9%) e **maior intensidade da pobreza** (28,1%).

9

Contudo, quando os **pais divorciados continuam a envolver-se** no processo desenvolvimental dos filhos, mesmo após a separação, verifica-se que **muitos dos efeitos negativos experienciados pelas crianças são menos frequentes**. Por exemplo, **não se encontram diferenças significativas no desempenho e rendimento académico destas crianças em relação às de famílias biparentais** (eg. Nord et al., 1997).

43





44



45



Vídeo da apresentação



➔ <https://educast.fccn.pt/vod/clips/1vy5dqgp7e/flash.html?locale=pt>

C E N T R O
DE ESTUDOS
JUDICIÁRIOS

2.

**Parentalidade e género:
a criança tem o mesmo
direito a ter mãe e pai no
processo de regulação das
responsabilidades parentais?**

(...)

Joaquim Manuel Silva

